



Conhecimento e uso de plantas alimentícias não convencionais (PANC) por agricultores familiares: perspectivas do trabalho de campo

Knowledge and use of unconventional food plants (PANC) by family farmers: fieldwork insights

FARIAS, Ana Clara Alves¹; CAVALCANTE, Larisse Maria de Azevedo²; MOTA, Jefferson Pietroski³, ANDRADE, Isabela Tsutiya⁴, WITTMAN, Hannah⁵, SIDDIQUE, Ilyas⁶

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, frs.clara@gmail.com; ² Universidade Federal de Santa Catarina, larisse.cavalcante@engenharia.ufjf.br; ³ Universidade Federal de Santa Catarina, jeffagronomourbano@gmail.com; ⁴ Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), isa.t.andrade@gmail.com; ⁵ Universidade da Colúmbia Britânica, hannah.wittman@ubc.ca; ⁶ Universidade Federal de Santa Catarina, ilysid@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A industrialização da agricultura acarretou a padronização da alimentação e a redução da biodiversidade através da produção de uma quantidade restrita de espécies. As plantas alimentícias não convencionais (PANC) são aquelas pouco exploradas para a alimentação, mas que possuem potencial para incrementar a dieta e a renda dos agricultores. Dessa forma, o objetivo da pesquisa foi discutir as percepções do trabalho de campo sobre o conhecimento, uso e comercialização de plantas alimentícias não convencionais com ocorrência no estado de Santa Catarina. Constatou-se que agricultores dos estabelecimentos com sistemas agroflorestais conheciam, utilizavam e comercializavam mais PANC. As mulheres possuem amplo conhecimento sobre o uso das plantas, mas muitas vezes apenas o potencial medicinal era conhecido, e não o alimentício. Os agricultores familiares carregam conhecimentos tradicionais acumulados durante gerações a respeito da utilização de plantas.

Palavras-chave: agrobiodiversidade; conhecimento popular; conservação pelo uso; plantas espontâneas comestíveis; diversificação produtiva.

Introdução

Com o desenvolvimento da agricultura moderna, as áreas cultivadas e os hábitos alimentares se tornaram mais simplificados e homogêneos. Cerca de 90% dos alimentos produzidos mundialmente provém de apenas 20 espécies endêmicas de regiões onde a agricultura se originou, revelando a falta de valorização em relação à diversidade de plantas comestíveis existentes (Kinnup, 2007). Esse processo de especialização da agricultura acarretou a perda da biodiversidade e da variedade dos alimentos consumidos pela população através da produção uniforme de larga escala de um número restrito de plantas e de animais (Simonetti, M.; Simonetti, K.; Farinã, 2021).



O mercado convencional de alimentos, sujeito às diretrizes e interesses das grandes corporações empresariais, ocasionou a padronização dos alimentos e dos interesses alimentares e a redução da biodiversidade alimentar (Junqueira; Moretti, 2018). Assim, muitos agricultores passaram a produzir alimentos para atender a demanda do mercado convencional e deixaram de produzir os que tradicionalmente cultivavam (Simonetti, M.; Simonetti, K.; Farinã, 2021). Contudo, as plantas alimentícias não convencionais subutilizadas têm potencial para incrementar e diversificar as fontes de renda familiar através da venda direta em feiras e para agroindústrias e restaurantes, além do turismo agroecológico e gastronômico (Kinnup; Lorenzi, 2014).

O conhecimento tradicional é definido como um conjunto de conhecimentos adquiridos por meio da observação e experimentação, os quais são compartilhados entre os membros da comunidade. Se configura um instrumento que desempenha um papel fundamental na construção da agroecologia, auxiliando a geração de conhecimentos científicos a respeito do uso e manejo dos recursos naturais (Santos, 2020). O saber tradicional é submetido a um processo de apagamento consequente do avanço da globalização da agricultura que acarretou a ideia de que o conhecimento de comunidades locais é primitivo e não científico (Shiva, 2003). Dessa forma, o desenvolvimento de sistemas de cultivos homogêneos e dos interesses econômicos em poucas culturas ocasionou a perda de costumes alimentares de comunidades tradicionais que dependem da transmissão oral para a sua preservação (Rapaport; Ladio, 1999). As práticas tradicionais de agricultura resultam em agroecossistemas complexos que promovem a biodiversidade, e podem ser utilizadas como base para o desenvolvimento de sistemas agrícolas mais sustentáveis (Altieri, 2004).

As plantas alimentícias não convencionais (PANC) podem ser cultivadas ou espontâneas e geralmente são denominadas “mato”, “daninha” ou “inço” pois se desenvolvem entre as plantas cultivadas ou em áreas de mata (Kinnup, 2007). São plantas com alto potencial alimentício que não são comumente consumidas pela população de certa região, podendo, então, variar conforme o local. Comparativamente com as plantas de consumo convencional, são mais rústicas e pouco exigentes. Essa característica ocorre devido a maior variabilidade genética decorrente da seleção natural, tornando-as mais adaptáveis às variações edafoclimáticas (Kinnup; Lorenzi, 2014). Plantas espontâneas ou silvestres vêm sendo negligenciadas no decorrer da industrialização da agricultura. No entanto, são recursos alimentícios com potencial pouco explorado (Kinnup, 2007). Segundo Carneiro (2004, apud Kinnup, 2007), um dos motivos para a não utilização de PANC é a dificuldade na identificação seguido pela facilidade de obtenção de plantas convencionais no mercado.

Diante desta problemática, o objetivo central deste trabalho foi extrair algumas perspectivas e interpretações do trabalho de campo de diagnóstico do conhecimento, uso e canais de comercialização de plantas com potencial



alimentício com ocorrência em estabelecimentos agrícolas no estado de Santa Catarina.

Metodologia

O projeto foi desenvolvido pelo Laboratório de Ecologia Aplicada da Universidade Federal de Santa Catarina (LEAp-UFSC), em parceria com o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) e a Universidade da Colúmbia Britânica (UBC) no Canadá. A coleta de dados foi realizada em 24 propriedades agrícolas em Santa Catarina, nos municípios de Florianópolis, Biguaçu, Major Gercino, Santa Rosa de Lima, Águas Mornas, São Pedro de Alcântara, Angelina, Alfredo Wagner, Anitápolis, Garopaba, Paulo Lopes e Imbituba, entre setembro de 2022 e março de 2023. A maioria dos participantes são agricultores familiares com produção de alimentos agroecológicos. A coleta consistiu em um questionário a respeito do conhecimento, uso e canais de comercialização de plantas alimentícias não convencionais, seguido por um percurso guiado pelos agricultores de aproximadamente 40 minutos na propriedade para a identificação de PANC. Esse percurso teve como objetivo identificar plantas não convencionais com potencial alimentício que não eram utilizadas, ou que eram, mas não foram citadas durante o questionário.

Resultados e Discussão

Em um dos estabelecimentos agrícolas visitados, o agricultor empenha-se na recuperação da área por meio do cultivo de um sistema agroflorestal de espécies nativas da Mata Atlântica, principalmente frutíferas, atuando como um “guardião de espécies”. Entre elas, a *Euterpe edulis* (açaí-juçara), a *Campomanesia phaea* (cambuci) e várias outras espécies endêmicas da família Myrtaceae. Os produtos colhidos no local são comercializados através da venda direta para a “rede de amigos”, que consiste em uma associação de agricultores da região que produzem diversos produtos, e por se tratar de um sistema de venda direta, promove maior diversificação (Junqueira; Moretti, 2018).

De acordo com a entrevista, os meios de comercialização mais utilizados pelos agricultores para a venda de PANC são ponto de venda próprio, seguido de entrega de cestas pré-montadas direto para o consumidor. Além de aproximar o consumidor do produtor, cestas pré-montadas e pontos de venda próprios incentivam a produção e o consumo de uma maior diversidade de alimentos, incluindo as plantas alimentícias não convencionais (Junqueira; Moretti, 2018).

A propriedade com maior incidência de PANC tem a agrofloresta como modelo de cultivo. Foram catalogadas 55 espécies, das quais 93% eram de conhecimento do agricultor e 79% eram utilizadas para autoconsumo. Sistemas agroflorestais valorizam e agregam valor aos produtos da biodiversidade local no mercado, promovem correlação direta entre geração de renda e conservação, e diversificam o número de espécies exploradas (Queiroz, 2005). Em um dos estabelecimentos



visitados, a família de agricultores cultiva sistemas agroflorestais integrados com a avicultura. O cultivo é biodiverso, incluindo plantas alimentícias não convencionais utilizadas tanto para o consumo próprio, como para o consumo dos animais de criação e animais silvestres. Segundo a família, o objetivo do sistema de produção é a regeneração do solo, fauna, flora e também a regeneração pessoal.

Uma das famílias entrevistadas ocupa há muito tempo a mesma propriedade, carregando tradições, como costumes alimentares e conhecimento das plantas recorrentes na região acumuladas durante gerações. Uma das espécies identificadas na propriedade foi a *Capsicum praetermissum*, pimenta nativa apreciada *in natura* pela família. Em outra localidade, foi visitada uma comunidade quilombola com cerca de 180 pessoas. A produção de alimentos é orgânica, para subsistência e renda, sendo comercializada no Mercado do Produtor do município. A horta é gerenciada por uma quilombola que anteriormente trabalhava como diarista na região, mas percebeu que a sua fonte de renda poderia vir da terra. Pelo estabelecimento encontram-se alguns pés de *Solanum betaceum*, conhecido como tamarilho ou tomate-de-árvore, consumido pelos agricultores, porém não comercializado. Além do tamarilho, a família consome frutíferas nativas, como *Rubus imperialis* (amora verde), *Campomanesia reitziana* (guabiroba crespa) e *Psidium cattleianum* (araçá). As plantas alimentícias não convencionais comercializadas são hortaliças, como *Rumex acetosa* (azedinha), *Stachys byzantina* (peixinho) e *Portulaca oleracea* (beldroega).

A urgência de suprir as necessidades alimentares dos filhos impulsionou as mulheres a desenvolverem um vasto conhecimento sobre as plantas (MIES, 2016). Nas propriedades visitadas pudemos observar exemplos de matriarcas com amplo conhecimento na identificação e uso de plantas. Algumas das espécies identificadas durante a pesquisa possuíam tanto o potencial alimentício, quanto o medicinal, porém, em geral apenas o potencial medicinal era conhecido pelas agricultoras (Kinnup; Lorenzi, 2014). No entanto, houve também espécies citadas pelas agricultoras que eram desconhecidas por parte dos entrevistadores, mas consumidas pela família, demonstrando a importância do conhecimento tradicional adquirido por pessoas que ocupam a terra há gerações (Altieri, 2004).

Conclusões

Notou-se o papel fundamental do conhecimento tradicional de agricultores familiares para a construção da agroecologia e promoção do uso de plantas alimentícias não convencionais, uma vez que essas comunidades preservam saberes que englobam a identificação e preparo dessas espécies. Os estabelecimentos com sistemas agroflorestais possuíam maior incidência de plantas alimentícias não convencionais e os agricultores tendiam a conhecer, utilizar e comercializar mais PANC, gerando renda e conservando a biodiversidade. O meio de comercialização mais utilizado pelos agricultores entrevistados era a venda direta, facilitando o escoamento de produtos biodiversos. Durante o levantamento de dados sobre as espécies, buscou-se conscientizar os agricultores sobre a riqueza e variedade de alimentos



encontrados em suas propriedades que são, por muitas vezes, negligenciados, mas que podem contribuir significativamente para uma alimentação mais diversificada e saudável. Além disso, ao promover o uso dessas plantas, contribui-se para a preservação da biodiversidade, fortalecendo os ecossistemas locais e fomentando práticas agrícolas mais sustentáveis.

Agradecimentos

Agradecemos às famílias de agricultores que se dispuseram a receber o projeto em seus estabelecimentos, disponibilizando o seu tempo e compartilhando o seu conhecimento, ao Social Sciences and Humanities Research Council (SSHRC) pelo financiamento da pesquisa e ao Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) pela parceria nas atividades de campo e na pesquisa.

Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel Angel. Linking ecologists and traditional farmers in the search for sustainable agriculture. **Frontiers In Ecology And The Environment**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 35-42, fev. 2004.

JUNQUEIRA, Antonio Hélio; MORETTI, Sérgio Luiz do Amaral. Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA): tecnologia social de venda direta de alimentos e de revalorização das identidades alimentares territoriais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, [S.L.], v. 26, n. 3, p. 517, 1 out. 2018.

KINUPP, Valdely Ferreira. Plantas Alimentícias Não-Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. 2007. 590 f. Tese (Doutorado) - Curso de Agronomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

KINUPP, Valdely Ferreira; LORENZI, Harri. Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos de Flora, 2014.

MIES, Maria. Origens sociais da divisão sexual do trabalho. **Revista Direito e Práxis**, [S.L.], v. 7, n. 15, p. 838-873, 14 set. 2016.

QUEIROZ, Helder Lima. A reserva de desenvolvimento sustentável Mamirauá. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 19, n. 54, p. 183-203, ago. 2005.

RAPOPORT, Eduardo Hugo; LADIO, Ana Haydeé. Los bosques andino-patagónicos como fuentes de alimento. **Bosque**, v. 20, n. 2, p. 55-64, 1999.

SANTOS, Leovigildo Aparecido Costa. Agroecologia e conhecimento tradicional: uma análise bibliométrica. **Tecnia**, v. 5, n. 1, p. 153-179, 2020.



SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia**. São Paulo: Gaia, 2003.

SIMONETTI, Mariana Grisa; SIMONETTI, Kerli Tatiane Grisa; FARIÑA, Luciana Oliveira de. Biodiversidade como sustentabilidade: possibilidade de mercados para plantas alimentícias não convencionais (pAnc) / biodiversity as sustainability. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 35330-35348, 6 abr. 2021